

**LEMBRAR E ESQUECER: REGISTRO DE
VISITANTES DO MONUMENTO VOTIVO MILITAR
BRASILEIRO DE PISTOIA**

**REMEMBERING AND FORGETTING: VISITOR LOG IN
THE BRAZILIAN MILITARY VOTIVE MONUMENT OF
PISTOIA**

Adriane Piovezan*

Resumo: O registro de visitantes existente no Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia na Itália permite identificar alguns aspectos sobre a memória da participação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) durante a Segunda Guerra Mundial (1944-1945). Caracterizando-se como único monumento votivo brasileiro localizado no exterior, os depoimentos espontâneos dos que conheceram o local na primeira década do século XXI destacam elementos como surpresa, honra, glória, alegria, emoção diante do espaço. Ao mesmo tempo que essa memória dos feitos da FEB é celebrada, o esquecimento do destino dos restos mortais daqueles soldados fica evidente na comparação com o monumento que os abriga desde 1960 no Brasil.

Palavras-chave: Morte; Monumentos fúnebres; Segunda Guerra Mundial; FEB; memória.

* Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: drika@matrix.com.br

Abstract: The registration of existing visitors in Votive Monument Brazilian Military Pistoia in Italy identifies some aspects of the memory of the participation of the Brazilian Expeditionary Force (FEB) during World War II (1944-1945). characterized as only Brazilian votive monument located abroad, spontaneous testimonies of those who knew the place in the first decade of this century stand elements as surprise, honor, glory, joy, excitement before the space. While this memory made of the FEB is celebrated, the fate of oblivion of the remains of those soldiers is evident in comparison with the monument that houses since 1960 in Brazil..

Keywords: Death; funeral monuments; World War II; FEB; memory.

Embora não sejam frequentes no Brasil, os estudos que abordam a problemática do público que frequenta espaços culturais foram comuns na Europa, principalmente na França, já a partir dos anos 70. Tais pesquisas estavam voltadas para a necessidade de aprimorar a gestão desses espaços.

A recepção por parte do visitante do espaço cultural, museu, memorial, etc, foi trabalhada por importantes sociólogos como Pierre Bordieu a partir das relações de fruição do público nos museus europeus.

No Brasil essa discussão recentemente tem aparecido nos relatórios de gestão desses espaços. Academicamente alguns trabalhos também refletem sobre tais relações entre público e espaços culturais, concentrados nas áreas de museologia e gestão de patrimônio.

Mas o que dizer sobre a recepção do público num monumento funerário brasileiro em terras estrangeiras? Essa é a questão colocada no presente artigo que pretende analisar a partir dos livros de visita presentes no Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia na Itália, a relação dos visitantes com a memória da FEB (Força Expedicionária Brasileira).

Inúmeros e complexos são os elementos enfrentados por essa questão. Não será possível responder a todos eles no presente texto, mas poderia ser abordado em um trabalho específico o tipo de público por exemplo. Ainda que o objetivo não seja aprofundar a questão da recepção nesse espaço cultural algumas indicações podem ser sugeridas.

O primeiro ponto a ser considerado nesse equipamento cultural é o seu acesso. A localização do Monumento Votivo não é de fácil acesso, trata-se de um antigo cemitério de guerra, numa cidade chamada Pistoia que comparada com outras badaladas localidades da Itália não fica entre as mais procuradas por visitantes. Dentro de Pistoia o Monumento não fica no perímetro central da cidade, não existe acesso por trem até lá. Conclui-se que quem pretende conhecer esse local tem que possuir algum conhecimento prévio da existência do mesmo para conseguir acesso por táxi ou automóvel alugado.

O segundo ponto é a natureza do equipamento cultural. Um monumento

votivo. E o que é um monumento votivo? Tipo bem específico de monumento, a origem desse termo e da denominação desse espaço será analisada no decorrer do artigo.

O terceiro ponto é o acontecimento histórico relacionado ao espaço cultural, no caso a participação brasileira durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Trata-se de evento pouco estudado na historiografia nacional, ignorado pelas mais variadas formas de mídias culturais e pouco trabalhado nos currículos escolares.

Diante de tantos desafios a quantidade de visitantes é pequena se comparada com outros atrativos culturais existentes na Itália. Mesmo assim um aspecto chama a atenção em relação a esses frequentadores: a grande maioria expressa suas emoções diante do contato com o espaço no livro de assinaturas de visita ao monumento. Tal fato, incomum na maioria de museus e equipamentos culturais nacionais é digno de problematização.

O cemitério militar brasileiro em Pistoia

Antes de se tornar Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia o local funcionou como um cemitério militar até 1960. O cemitério militar é uma invenção recente. Ele surgiu nos EUA a primeira vez em 1847 no Estado do Kentucky como resultado da Guerra contra o México. No caso europeu seu aparecimento foi registrado no exterior, com a construção de um cemitério em Sebastopol para reunir os restos dos mortos franceses da Guerra de 1853-56¹.

Foi necessário o choque da Primeira Guerra Mundial para universalizar o uso desse tipo de cemitério, embora no início do conflito os soldados ainda fossem enterrados em grandes fossas coletivas, sem qualquer cuidado com a identificação dos corpos ou a destinação dos pertences às suas famílias. De fato, mais de 90% dos mortos desconhecidos da Primeira Guerra Mundial se referem aos que caíram em combate no ano de 1914².

Com o início da Segunda Guerra Mundial, a organização estadunidense em relação aos cemitérios de guerra já estava estruturada. O Brasil, como era subordinado ao V Exército dos EUA, utilizava a princípio esses cemitérios para o enterramento de seus soldados mortos. Na documentação gerada sobre o trabalho do Pelotão de Sepultamento na Itália, encontram-se inúmeras referências e críticas à ausência de um cemitério brasileiro para o sepultamento de soldados caídos em combate.

A dependência em relação aos norte-americanos para além dos problemas burocráticos de demora para a comunicação da morte aos familiares, também continha um agravante do ponto de vista simbólico. Defendia-se a ideia de que nossos soldados, já que não repousavam em solo pátrio, poderiam ao menos ser sepultados sob nossa bandeira nacional e não em terra consagrada aos soldados de outra nação, no caso os Estados Unidos da América.

A fim de dar conta dessas questões, o chefe do Serviço de Intendência sugeriu ao comandante da FEB a criação de um cemitério militar brasileiro. Responsável pela alocação de cemitério o *Grave Registration*, designou técnicos para localizar e demarcar uma área adequada para a construção de um para o brasileiro, na cidade de Pistoia, ao lado de um cemitério civil já existente, o Cemitério de San Roque.

O Batalhão de Engenharia da FEB forneceu o material e a mão de obra para construção do cemitério, que comportava quatro quadras para os mortos brasileiros e duas quadras para mortos inimigos. Em 2 de dezembro de 1944, o Cemitério Militar Brasileiro de Pistoia começa efetivamente a funcionar. Toda área foi cercada com arame farpado, instalado um mastro para hasteamento da bandeira nacional e pavimentadas as ruas. De fato, segundo relatório final do seu oficial comandante aqui consultado, um dos maiores problemas na locação do cemitério foi encontrar um terreno livre de lençóis freáticos superficiais e que não empoçasse água da chuva. O trabalho de pavimentação das ruas do cemitério, sempre sujeitas à formação de lama quando chovia, ainda estava em andamento em fevereiro de 1945.

O cemitério contava também com um necrotério, instalado numa modesta barraca de lona. Preocupados com a privacidade do trabalho com os mortos, e em conformidade com o manual do *Grave Registration* o necrotério foi oculto das vistas dos curiosos com um biombo de dois metros de altura, também de lona. A fragilidade da barraca que servia de necrotério foi comprovada diversas vezes, sofrendo os seus usuários com as constantes ventanias que assolavam a região. Como resultado, solicitou-se que a mesma fosse substituída por uma construção de madeira. Também ali se realizavam as cerimônias fúnebres com a presença de um capelão, frente a uma capela improvisada no interior mesmo desse necrotério.

O Cemitério de Pistoia possuía a Bandeira Nacional e foi consagrado como campo santo pelo Capelão-Chefe, Pe. João Pheneey de Camargo. Os capelães rezavam três missas diárias no Cemitério de Pistoia para a alma dos mortos.

Apenas em 1949 os dezessete corpos dos soldados alemães enterrados no Cemitério de Pistoia foram transladados para o Cimitero Militare Germanico della Futa, entre Florença e Bolonha³.

O enterro imediato dos soldados era tanto uma urgência do ponto de vista higiênico, como também para interferir o menos possível na moral da tropa. Encontrar cadáveres de companheiros mortos numa ação abalava profundamente os soldados.

Ambos os lados em guerra empregaram em grande escala o trabalho de civis e militares italianos, geralmente sob remuneração. O cemitério também contava com o auxílio de 16 civis italianos para trabalhos que iam da jardinagem até o de coveiro, todos pagos, de acordo com a documentação pesquisada, com

recursos do Exército estadunidense.

A forma de padronizar as sepulturas nos cemitérios militares é variada. O que se busca é que todos sejam iguais, independente do posto que ocupassem. O formato pode ser as estelas ou cruzes, de materiais variados como calcário, cimento armado e até alumínio. Esta normatização é feita geralmente após o fim da guerra. A cruz de madeira, presente no Cemitério de Pistoia era chamada de “lenho provisório”. Nela era martelada uma placa de metal simulando uma *dog tag*, ou seja, a chapa de identificação do morto.

Antes coletiva, a presença da cruz individual logo se tornou comum nos cemitérios cristãos. No século XVI, as cruzes marcavam uma distinção nas sepulturas. Esta colocação é apresentada por Ariès que defende a posição que a substituição dos enterramentos nas igrejas interessava, muito mais do que uma questão higiênica, uma necessidade da burguesia de se individualizar e enaltecer sua riqueza. Como era impossível levar toda a imagística presente nas igrejas para um local ao ar livre como o cemitério, a cruz sintetiza todos estes elementos religiosos.

O que se pode concluir é que, durante os quinze primeiros anos decorridos após o término da guerra, o Cemitério Militar Brasileiro em Pistoia exerceu suas variadas funções cemiteriais: identificar e abrigar restos mortais; prestar-se ao papel de local de luto, culto, homenagem e rememoração dos mortos; servir como local de peregrinação cívica e patriótica, etc. Tais funções só viriam a ser definitivamente encerradas com o traslado dos corpos para o Brasil em 1960.

Em visita ao local original do cemitério em 2010, atual Monumento Votivo, tive a oportunidade de conhecer algumas fotos lá em exposição de visitas de brasileiros e estrangeiros que por ali passaram no período 1945-1960⁴. Os registros dessas visitas estão contidos nos livros de visitantes atualmente sob a guarda – mas até aqui não disponibilizado ao pesquisador – do AHEx. Sem conseguir consultar tais fontes não é possível estimar a quantidade de visitas, mas trata-se de um número considerável.

No estabelecimento dessa estimativa é preciso levar em conta que também a população local frequentava extensivamente o local, em particular nas datas consagradas aos mortos e a eventos importantes da guerra, participando de missas em sua intenção e levando flores para os túmulos brasileiros. Visitas ilustres nacionais e estrangeiras também foram registradas, confirmando a vocação do local como ponto internacional de rememoração e homenagem aos militares brasileiros mortos em combate durante a Campanha da Itália na Segunda Guerra Mundial. Nada menos de dois presidentes da república ali estiveram como visitantes.

As feições do local não parecem ter mudado de forma significativa no período 1945-1960. Possivelmente foi mantido o capricho na conservação dos túmulos, todos marcados por cruzes brancas nas quais estavam pregadas as

identificações dos mortos, rodeados de caminhos e canteiros⁵.

Nas fotografias dessa época são perfeitamente visíveis diversos elementos que ajudam a entender a força simbólica e emocional desse pequeno e modesto cemitério encravado em local pouco conhecido na Toscana. Podem-se notar montanhas suaves, céu de nuvens imensas, terra, flores, placas nas cruzes brancas com nomes escritos. Uma vez que inexiste tráfego de qualquer natureza percebe-se que o local é agreste. Faz sentido pensar que fosse um lugar sossegado, onde se pudesse ainda sentir o aroma do campo.

Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia, Itália

Com o repatriamento dos soldados brasileiros enterrados no Cemitério de Pistoia em 1960, o local passa a ser chamado de Monumento Votivo Brasileiro em Pistoia.

Mas o que significa um Monumento Votivo? A definição de monumento como algo construído para “recordar”, lembrar, comemorar teria a função de preservar algo, um evento, pessoas, etc. No caso do monumento votivo, esse lembrar tem uma intenção, o “voto”, do latim *Votum* promessa solene a Deus⁶, no caso o cumprimento de uma promessa de lembrança por aqueles que morreram na Itália e ali foram enterrados.

A origem do conceito vem da tradição da ara votiva. Uma ara votiva é uma pedra erigida em memória de alguém, a qual, geralmente, conta com uma inscrição de agradecimento a certa divindade por uma graça concedida. Na tradição romana, a epigrafia votiva era bastante importante visto que a fórmula escrita compreendia o nome do deus do panteão, a maneira como se expressava o ritual de culto, como também, modelos de fórmulas organizativas de pensamento da época em que foram inscritas. Deste modo, representa um espaço ímpar de expressões religiosas. Comumente, insere a aculturação romana com diferentes povos e delineia, no âmbito sociocultural do mundo clássico, o processo de “romanização”⁷ visto que o panteão não se caracterizava pela mera aglomeração de deuses, outrossim expressava a concepção de mundo e sociedade, ao mesmo tempo que pretendia regê-los. Deste modo, o monumento votivo representa posições e situações assumidas pelos homens no decurso da história, compreendê-lo, pois, segundo sua função cultural, demanda a compreensão do que era a religião para os romanos e de que maneira se relacionavam com a memória religiosa.

A religião romana era panteísta, essencialmente cosmológica. Via-se a morte com pessimismo, associada ao corpo perecível do humano e a sua inferioridade em relação aos deuses. Normalmente o corpo era queimado, pois se compreendia que o mesmo era dado em oferenda aos deuses. A família recolhia as cinzas e as reverenciava como memória do morto. Esta prática de honrar aos mortos é devidamente perpetuada hereditariamente e

oficializada pelo pater família, o chefe das honras religiosas. Cria-se que os antepassados retribuía o culto que recebiam protegendo o lar, as colheitas e promovendo a fertilidade. Existia, também, um culto público aos deuses que regiam a sociedade. Neste caso, a morte era observada como culto aos heróis da comunidade, dos políticos e dos guerreiros.

De fato, as determinações ou servidões religiosas apresentam-se como um dos mais relevantes e interessantes fomentadores da ação dos indivíduos e a forma como estas incitam ou desmotivam determinados comportamentos. No caso dos romanos, o monumento votivo era uma presença material sobre a qual o desencarnado podia satisfazer-se, e, em troca retribuir de alguma maneira.

Para a tradição judaico-cristã, a sepultura dos mortos possui outro sentido. O morto não tem contato nenhum com o mundo material. A vida que lhe interessa está além deste mundo. No Antigo Testamento a ausência de sepultura era considerada uma maldição e uma condição vergonhosa – era a sorte miserável dos ímpios. O respeito pelo cadáver aumenta à medida que cresce a fé na ressurreição. Para o cristianismo, a morte assinala a separação momentânea do corpo da alma, pois em devido momento existirá a ressurreição do corpo sem vida, no dia do julgamento no qual o Deus criador irá julgar todos os humanos criados. Até lá, a alma do morto é um mistério para os que ficam. Há três possibilidades para a crença cristã: a alma condenada à ausência de Deus, estado no qual o senso comum chama de inferno, a alma salva, mas que precisa penitenciar para ajustar-se a visão de Deus, e, a alma gloriosa, já salva e gozando da presença de Deus. Crê-se que a alma que repousa no purgatório, bem como as almas gloriosas, possam receber orações dos vivos e interferir na sua salvação. Ademais, a alma mantém a consciência daquilo que conheceu quando encarnada, portanto, a lembrança dos que ficaram estará junto da alma no além. Por isso, a visibilidade de um cemitério e de uma sepultura pessoal é significativa, é um sinal visível da necessidade de oração para os mortos.

Em 1966, no lugar do cemitério de Pistoia foi erguido um monumento votivo projetado por Olavo Redig de Campos. Retirando a ideia contida na denominação cemitério, o monumento votivo inaugura uma nova função desse local. De espaço com forte empatia religiosa, o local privilegia os aspectos de celebração patriótica.

Enquanto cemitério, seria impossível desvincular o espaço da cruz, das flores, das orações dos familiares pela alma que se foi no conflito. Já como monumento votivo, valoriza o ato heroico, o feito militar de bravura, privilegiando os signos de culto cívico. Com a transferência dos corpos do local, não existia mais a necessidade de vínculo com o religioso e construiu-se uma materialidade que sinaliza, orienta o espaço para a lembrança de que um dia ali existiram outras realidades.

A presença de restos mortais de um combatente morto sepultado no Monumento Votivo Militar de Pistoia em 1967, reestabelece a aura de um local

de memória em que a lápide do soldado desconhecido enfatiza que o local é santo e que foi um cemitério. Segundo o atual administrador do Monumento Votivo⁸, quando visitei o mesmo em maio de 2010, ainda existe certa pressão por parte de familiares de ex-combatentes em colocar novamente cruzes no espaço onde agora ficaram as placas com os nomes dos mortos na guerra.

Além da demanda por parte de alguns parentes da re colocação das cruzes, o administrador do Monumento também nos falou em entrevista que diversos herdeiros de ex-combatentes escolhem o monumento como depositário de pertences de seus pais ou avós que lutaram na FEB. Capacetes, partes de uniforme, medalhas, enfim, uma infinidade de objetos ou são pessoalmente entregues ou são deixados junto à chama eterna do soldado desconhecido como forma de articular o momento vivido pelo ex-soldado com aquele espaço antes ocupado por seus companheiros mortos em batalha.

Essa relação feita geralmente pela família do ex-combatente possui, além do caráter afetivo, uma postura de distanciamento das instituições que hoje deveriam guardar a memória deste período de nossa história, dentre as quais o Monumento aos Mortos do Aterro do Flamengo.

Como nos últimos anos o número de associações de veteranos⁹ que encerraram suas atividades pela ausência de membros e falta de recursos aumentou significativamente, e muito desse acervo foi perdido ou foi repassado para guarnições militares que não possuem estrutura para abrigá-los com técnica museológica, a ideia de que na Itália estas peças seriam mais valorizadas que aqui também parece pertinente.

Em abril de 2013 foi inaugurado o Museu da FEB em Pistoia¹⁰, nas pequenas instalações onde funciona a administração do Monumento Votivo Militar de Pistoia. Grande parte do acervo deste museu veio justamente destas doações anônimas e espontâneas de pessoas que pensam que aquele espaço de memória é mais significativo do que outras instituições que teriam esta função aqui no Brasil.

O local é palco de duas cerimônias anuais de rememoração. Esta característica é comentada por Jay Winter¹¹ que identificou esta tendência de sobreposição no calendário das comemorações dos mortos em guerra. Ao mesmo tempo em que tais lugares utilizam as datas de culto cívico aos mortos (como o 8 de maio comemorado pelos aliados como o Dia da Vitória), também vão ser locais que rememoram o dia de Finados (o 2 de novembro) já que são também espaços que simbolizam os heróis e que na prática também abrigam mortos.

O impacto da visita ao Monumento Votivo Militar de Pistoia
Este cemitério tão puro
é um dormitório de meninos:
e as mães de muito longe chamam,

entre as mil cortinas do tempo,
cheias de lágrimas, seus filhos.

Chamam por seus nomes, escritos
nas placas destas cruzeiras brancas.
Mas, com seus ouvidos quebrados,
com seus lábios gastos de morte,
que não de responder estas crianças?
“PISTOIA - Cemitério Militar Brasileiro”
Cecília Meireles

As características assumidas pelo Cemitério Militar Brasileiro em Pistoia viriam a inspirar diversos visitantes. Uma das mais famosas destas foi a da poeta Cecília Meireles. O envolvimento dela com as questões como dor, perda, distância e saudade suscitadas pela Segunda Guerra Mundial se expressam em poesias como “Guerra”, “Balada do soldado Batista”, “Lamento da mãe órfã”, “Lamento da noiva do soldado”, “Pomba em Broadway”, “Declaração de amor em tempo de guerra”¹². A poeta parece ter sido particularmente tocada pela visita que fez ao Cemitério em 1955, resultando numa das suas mais famosas criações. É possível que muitos mais visitantes tenham passado pela experiência que ela própria passou ao visitar Pistoia, a qual gerou uma das suas poesias mais conhecidas.

Depois da mudança de Cemitério para Monumento Votivo Militar, as visitas continuaram a ser frequentes. Uma análise mais elaborada sobre o assunto poderia quantificar o número de visitas, entretanto não será realizada aqui.

O estudo de recepção de um equipamento cultural exige quantificação rigorosa em um recorte delimitado. O número de visitantes do Monumento Votivo Militar de Pistoia não foi determinado, o espaço não possui catracas ou qualquer outro meio de controle ao local que é aberto. Para assinar o livro o administrador do espaço precisa convidar o visitante ao anexo, hoje transformado em pequeno museu. Ou seja, muitos dos visitantes sequer foram contabilizados no século XXI.

Por todas essas limitações, no presente artigo o recorte foi qualitativo. Registrei cerca de mil comentários entre os anos 2002 e 2010 quando estive no Monumento. O número de visitantes pode ter sido o dobro ou o triplo, o que importa são os que convidados a registrar sua presença decidem escrever espontaneamente suas impressões.

Nesse pequeno universo de manifestações escritas selecionei alguns aspectos relevantes por recorrência que apareciam nas mensagens. Também é possível dividir os visitantes em dois grandes grupos, os civis e os militares. Estes últimos fazem na maioria das vezes, menção ao motivo de estarem naquele local, de passagem para assumir um cargo em outra cidade da Europa,

por outro motivo de trabalho, porque estudou o tema na sua formação militar e quando teve possibilidade queria conhecer o espaço pessoalmente.

Se compararmos estes livros com os livros de visitas do Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial no Rio de Janeiro, a diferença é marcante. No Monumento aos Pracinhas os livros têm as páginas pautadas e as informações que constam ficam restritas por linhas em nome, origem, data, profissão, ou seja, não há espaço nem incentivo para que outra mensagem seja ali deixada.

Já nos livros de visitas do Monumento Militar Votivo de Pistoia, as páginas não são numeradas e nem delimitadas. Os livros dos anos 60 até 2010¹³ mostram as pessoas descrevendo sua sensação ao conhecer o local e homenageando com depoimentos, desenhos, grafismos, e outras expressões pessoais a memória do evento que o monumento evoca.

Nos anos 60 e 70, percebe-se que a grande maioria dos visitantes era composta por habitantes da própria cidade de Pistoia e cidades vizinhas como Lucca. Nestes livros, a assinatura do livro de visitas é bem simplificada, constando apenas nome, cidade de origem e data da visita.

Encontrei, porém, alguns depoimentos nos livros a partir dos anos 80 e muitos depoimentos nos anos 90. A partir de 2001 entretanto, a tendência encontrada é que não há economia de texto por parte dos visitantes.

São pessoas que enfatizam a comoção de estar homenageando os que morreram pelo Brasil na guerra, ainda que de fato, não estejam mais ali desde 1960.

A partir do século XXI os depoimentos são abundantes. Inúmeros visitantes escrevem linhas e linhas em que detalham suas sensações e emoções ao visitar o espaço.

Trata-se do único espaço votivo brasileiro em solo estrangeiro. Essa característica marcante em Pistoia é amplamente destacada por inúmeros visitantes.

Em 2003, no dia 21 de novembro, o monumento foi visitado por A.P.N.S que apontou a questão da espacialidade da presença física do país em solo estrangeiro e num evento histórico. Seu depoimento destaca esta questão do espaço patriótico: “Com tanta felicidade por conhecer um pedacinho do Brasil na Itália”¹⁴.

A questão geográfica, em que o solo italiano teria abrigado brasileiros ali em Pistoia também é reforçada pelo depoimento de E.D em 29/06/2006. Para ele “era com orgulho e emoção em visitar o solo que marca a passagem dos nossos pracinhas em solo italiano”¹⁵.

Um grupo de sete pessoas que visitou o monumento em 06/10/2006, também elabora uma declaração coletiva em que destaca a homenagem em terra estrangeira ao povo brasileiro, em seu depoimento eles escrevem que estavam “emocionados ao constatar o carinho com que nossos pracinhas foram

homenageados nessa terra “piú bela”.¹⁶

Além do solo estrangeiro receber tão carinhosamente os brasileiros, a questão espiritual também aparece em diversos comentários sobre a santidade do espaço.

A santidade atribuída ao local é evidenciada por inúmeros depoimentos. Destaca-se mais um do ano de 2003. Em que a expressão “local santo” é destacada pelo visitante que utiliza a caixa alta. “Estivemos hoje 10:30 (local) neste campo santo. É realmente SANTO. R.M.”¹⁷

A denominação de local sagrado a este espaço e a referência do cemitério aparece em diversos depoimentos. Pode-se, por exemplo, selecionar este, de um visitante de Porto Alegre em 2004: “É com respeito que venho à esta terra sagrada, rever o cemitério (monumento) brasileiro em Pistoia, que tanto honra nossa FEB. E.H.R.”¹⁸

Em 16/04/2006 M.S. também escreveu “causa-me honra em conhecer esse solo sagrado para todos nós brasileiros”¹⁹. No ano seguinte, em 07/05/2007, J.E.O. escreveu “é com grande emoção ver este pedaço do Brasil, da brava gente brasileira na Itália, e saber do carinho dos italianos pelos meus compatriotas.”²⁰

O sentimento de patriotismo aparece em outras manifestações, em que o visitante expressa que sente orgulho de ser brasileiro ao visitar um local que guarda a memória de nossos heróis. Os adjetivos usados para se referir aos soldados destacam a coragem, o bom combate, a causa humanitária e, através deste comportamento dos mortos, o orgulho nacional é enfatizado. Em 24/10/2007, S.L.F. escreveu: “Nossa, jamais pensei o que este povo “lindo”, esse meu país maravilhoso fosse capaz de fazer! Adoro ser brasileira! Espero de coração que isso não se perca jamais!”²¹. Em 06/04/2009, E. C. também registra este sentimento: “Eu tenho orgulho de ser brasileira e muito obrigada por cuidar deste monumento”²².

A rememoração do passado pela existência do monumento também é explicitada em algumas declarações, como essa de 14/07/2008 de A.C.P.: “Estamos aqui em Pistoia neste monumento, que deve sempre ser lembrado a todos nós brasileiros, que muitas vezes nos esquecemos do nosso passado”²³. O papel do Brasil num momento crucial da história da humanidade aparece também no registro de F.R. C. em 06/10/2008: “Orgulhoso pelo papel do Brasil num momento histórico importante”.

Em diversas menções aparece o desconhecimento do visitante sobre o contexto e o porquê da existência do Monumento. Alguns explicitam sua surpresa ao conhecerem a história do Brasil pelo monumento. Em 11/07/2009, C.C. confessou: “Não esperava, mas fiquei muito impressionado com a história toda por trás deste monumento. Muito obrigada pela explicação da nossa história brasileira”²⁴. Diversos apontam a honra de conhecer a história do país pelo monumento.

Este discurso atual num local de memória como o Monumento Votivo,

representa este regime de historicidade, desenvolvido pelo historiador francês François Hartog. Ao se referir à questão do contexto atual da relação da sociedade com o passado, afirma que “a memória é presentista, pois ela é convocação do passado ou de certos momentos do passado no presente em função do presente, para responder às questões do presente”²⁵.

Interessante notar que, nos últimos anos, o simples fato de assinar um livro de visitas neste monumento se transformou em um meio de expressar o sentimento e emoção aos brasileiros que enxergam ali um local de homenagens a pessoas que lutaram pela liberdade. Estes termos são os que mais aparecem nesta documentação analisada.

Depoimentos de militares

Nota-se um grande número de pessoas ligadas às Forças Armadas²⁶ que indicam questões militares de bravura, ou que utilizam seu ponto de vista determinante para reforçar o motivo de estarem ali.

Combater o bom combate é a expressão encontrada na mensagem do Cel. F.A. P. L no dia 16/11/2003, que escreveu “O nosso respeito e profunda admiração por todos que, com seu sangue, lutaram pela paz no mundo. Combateram o bom combate, completaram a carreira e não perderam a fé”.²⁷

A posição de brasileiro e militar faz com que o tem. J.S. transcrevesse o que representava a visita ao espaço para ele em 16/11/2003 “Como brasileiro me sinto tomado de orgulho em visitar esse local, sagrado para nós militares, onde encontram-se verdadeiros heróis”.²⁸

O reconhecimento pelo feito dos soldados é o aspecto destacado pela capitã M.C.S. que em 4/10/2004 escreveu “Foi com muita emoção, que não pensava ter, que entrei nesse lugar a Pátria brasileira reconhece os feitos dos pracinhas”.²⁹

Em alguns casos o visitante descreve os detalhes da visita. No depoimento do Cel. J.A.P. a situação é comentada. “Em trânsito para o Iran, onde fui designado adido militar, não pude deixar de passar em Pistoia para sentir de perto a emoção de reviver fatos insistentemente estudados nos bancos acadêmicos do Brasil”. O militar expõe a gratidão ao administrador do local que descreveu as principais batalhas em que o Brasil se envolveu na Segunda Guerra Mundial e no final o cel. Conclui: “Como Militar, do Exército Brasileiro, registro minha gratidão ao povo italiano, que preserva período tão marcante em nossa história. FEBIANOS MISSÃO CUMPRIDA”.³⁰

Em 19/03/2008, R.B. escreveu “Como brasileiro e integrante da Força Aérea Brasileira é uma honra conhecer onde nossos companheiros estão sendo homenageados -FEB”.³¹

Entre os militares existe a ênfase de que o monumento permite conhecer a história da FEB, como aparece no depoimento de M.P.R.L. 1ºsargento “Agradeço a Deus e a minha família e aos amigos italianos, a oportunidade de

conhecer pessoalmente a história da FEB em campos italianos”³².

Para o capitão tenente do navio escola G.L.U. em 17/08/08, a visita foi marcante porque permitiu que ele “pudesse visitar um pedaço da História do Brasil no mundo”.³³

Além de ter contato com a história, para alguns militares a visita ao Monumento reafirmava os preceitos do Exército Brasileiro. Essa noção está presente no depoimento do Cel. E.L.C. em 01/10/2008 que escreveu “Em 1 de outubro de 2008 percorrendo os vales da Itália, tivemos oportunidade de conhecer um pouco mais a história do nosso país. Em conversa com o sr. Mario Pereira, administrador desse campo santo, recebemos a informação de que o soldado brasileiro, ao se alimentar, doava parte de sua ração para as crianças e os idosos italianos, sendo o único exército a fazer isso. Tal narrativa, nos enche de orgulho, demonstrando em que cada momento a mão amiga se destaca do braço forte, reafirmando a cada ação o Exército de Caxias”.³⁴

Monumentos fúnebres e memória

Os monumentos fúnebres se dirigem a um público muito amplo. Abreu conclui, após analisar o culto cívico dos mortos na Revolução Constitucionalista de 1932, que “por meio destes ritos, o sem sentido da morte, que caracteriza a experiência contemporânea do morrer, é ultrapassado: o sacrifício individual é recompensado pelo reconhecimento público do morto como agente da história”³⁵. Isso aparece nitidamente em mensagens como esta: “Emocionada com a visita aos irmãos brasileiros heróis em defesa da humanidade. Beijos saudosos a todas as mães brasileiras. Orgulho de ser brasileira” E.S.A.³⁶

Esta característica, do soldado morto enquanto agente da história, aparece em diversas menções nos livros de visitas ao Monumento. A luta pela liberdade, a favor do povo judeu, etc., são elementos históricos retomados pelos visitantes para se referirem aos combatentes brasileiros e este orgulho deles terem participado de um momento importante na História da Humanidade também é enfatizado como reconhecimento de sua participação no conflito e enaltecimento de sua morte.

O soldado cidadão é, nestas mensagens deixadas em Pistoia, o orgulho nacional. Neste outro depoimento, novamente a ideia do herói é reforçada: “O verdadeiro sentido da palavra herói, encontramos neste lugar cheio de recordações, dos feitos e da força da solidariedade. Estar aqui é uma honra e um dever de todo brasileiro, que tem como meta a paz e o entrelaçamento dos povos. Obrigado Heróis! Obrigado Brasileiros! Viva a Feb” S.A.T. em 31/03/2004³⁷.

O monumento provoca a rememoração em alguns visitantes, que tiveram os pais envolvidos no conflito, militares que estudaram o assunto, e pessoas que viveram no período, como o depoimento deixado em 27/08/2004:

“Extremamente comovidos, rememoramos nossa infância em São Paulo onde sentimos os reflexos da Segunda Guerra.”R.F. e L.

Este local da memória é referido em algumas mensagens como lugar onde se encontra o orgulho nacional. Como aparece no depoimento de A.A. de Jardim, do Mato Grosso do Sul, que diz: “Esperei 40 anos, para estar aqui, onde se pode encontrar a bravura e o exemplo do soldado brasileiro”, 04/10/2004³⁸.

Encontram-se também, impressões de estrangeiros que visitam o Monumento. A grande maioria de italianos que utilizam os mesmos termos como “lugar que representa a morte e o sacrifício” J.M.³⁹

A italiana de Pisa, S.M. que visitou o Monumento em 16/01/2008 revela que está ali para homenagear os mortos e dizer “grazie” por libertarem o povo italiano⁴⁰. A expressão de agradecimento pelo sacrifício de brasileiros para libertação dos italianos é comum em diversos depoimentos presentes nos livros.

Essa não é a única motivação para a construção de tais monumentos. Van Creveld⁴¹, historiador radicado nos EUA, identifica três fases distintas dos monumentos fúnebres de guerra. Em uma primeira fase da História Humana, que se estende até o século XIX, os monumentos celebravam a vitória nas batalhas, o heroísmo dos guerreiros que a tornaram possível e a exaltação patriótica. Numa segunda fase, já durante a Primeira Guerra Mundial, os monumentos celebram os soldados como vítimas do sacrifício pelo bem comum. A última etapa da história desses monumentos corresponde à época contemporânea, no qual não se comemora nem as batalhas nem os soldados mortos, mas se protesta contra a violência da guerra e se prega o pacifismo.

Considerações Finais

Outro destaque pode ser dado ao fato de que o Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia é mais conhecido como Cemitério de Pistoia.

Existem muitos outros relatos que ainda enfatizam “o solo onde repousam os brasileiros”, e mesmo que hoje eles não estejam mais lá, esta lembrança de que o lugar foi um cemitério é marcada em diversas dessas declarações.

A utilização do termo cemitério é reflexo desse status anterior deste local de memória. Em alguns depoimentos que citamos acima, o visitante até sabe que o nome do local é Monumento, mas se refere ao mesmo como “cemitério”. Curiosamente, embora se trate de mero Monumento Votivo, o local segue exercendo funções tipicamente cemiteriais.

Paradoxalmente, o local para onde foram trasladados os corpos dos brasileiros mortos na guerra, O Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, localizado no Aterro do Flamengo no Rio de Janeiro, não se revelou capaz de cumprir as mesmas funções cemiteriais. É significativo que

o local não seja conhecido como um cemitério, mas sim denominado como Monumento aos Pracinhas.

O termo ou a associação à ideia de morte, enquanto permanece em um lugar que não mais corresponde a esta função, no caso de Pistoia, é negado ou ignorado no verdadeiro local onde se encontram os restos mortais, no caso do Rio de Janeiro. Negado ou esquecido, lembrado apenas pelas Forças Armadas em datas comemorativas.

O historiador alemão Koselleck⁴² comparou os monumentos fúnebres na Alemanha, França e Itália e entendeu que nesses locais ocorreu a tentativa de se constituir uma lição de moral e civismo dada pelos mortos, a partir de seus túmulos. Neste sentido, o autor problematiza de que forma os monumentos aos mortos funcionam mais como meio de atender os interesses dos vivos do que realmente homenagear os mortos.

Enquanto no espaço fúnebre em que se encontram os mortos brasileiros da Segunda Guerra Mundial a memória celebrada é a institucional, no Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia existe um verdadeiro culto cívico dos mortos.

NOTAS

1 O primeiro cemitério militar norte-americano no estrangeiro também criado em 1852 próximo a cidade do México. Ali estão enterrados 750 soldados mortos no conflito. Ele passou a ser administrado pelo Fundo de Proteção aos Cemitérios Americanos em 1873. In: DICKON, Op. Cit. p.30

2 WORDMAN, D & CAPDEVILLE, L. *War dead: Wersten Societies and the Casualties of War*, p. 29

3 O Volksbund Deutsche Kriegsgräberfürsorge foi criado em 16 de dezembro de 1919 e tinha como missão cuidar dos túmulos dos alemães caídos em guerra. Como não era prática do governo cuidar das sepulturas alemãs dos soldados mortos em diversas partes do mundo, várias associações de familiares dos mortos procuravam exercer este papel, além de cuidar de toda a questão informacional sobre os mortos. Hoje a Volksbund toma conta de mais de 2 milhões de sepulturas alemãs. Disponível em: http://it.wikipedia.org/wiki/Volksbund_Deutsche_Kriegsgr%C3%A4berf%C3%BCrsorge

4 Agradeço ao amigo Mario Pereira pelo acesso à coleção de livros de assinaturas de visitantes do período 1960-2010.

5 Na visita que realizei ao local em maio de 2010 também visitei o Cemitério de San Roque, cemitério que já existia no local, com túmulos de membros da comunidade. Nesta ocasião fiquei impressionada com o capricho do mesmo. Flores naturais e exuberantes, sepulturas limpas e bem conservadas, presença de pessoas jovens e mesmo crianças visitando e mantendo o cemitério. Fica evidente a relação daquela sociedade com os seus mortos, sendo possível imaginar, e algumas fotografias de época comprovam, que no pós guerra os cuidados eram dedicados também ao Cemitério Militar Brasileiro.

6 POEL, F. V. *Dicionário da Religiosidade Popular*, Curitiba: Nossa Cultura, 2013, p.119

7 Vide WALLACE-HADRILL, A. *Rome's Cultural Revolution*. Cambridge: Cambridge

University Press, 2008

8 Mario Pereira é filho do ex-combatente e guardião do Monumento Miguel Pereira. Este foi o responsável pela administração do Cemitério do final da guerra em maio de 1945 até a sua morte em 03/02/2003.

9 Diversas Associações de Veteranos da FEB são auto-extintas quando o número de ex-combatentes é menor do que o estatuto da organização determina. Como a grande maioria de seus participantes já possui mais de 90 anos de idade, esta situação tem se tornado comum. Também se deve lembrar da crise que a ANVFEB (Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira) passou em 2009, com sua quase extinção e fechamento da Casa da FEB no Rio de Janeiro. Ainda que o patrocínio de uma empresa privada tenha evitado este desfecho, as instituições como um todo padecem de problemas de gestão e controle de seus acervos.

10 Na verdade a sala recebeu o nome de Espaço Miguel Pereira, o antigo administrador do Monumento Votivo. Este museu foi inaugurado em 22 de abril de 2013.

11 WINTER, Jay. *Sites of memory, sites of mourning: the great war in European Cultural History*. Cambridge, Cambridge University Press, 1995;

12 GOUVÊA, Leila Vilas Boas. *Pensamento e "lirismo puro" na poesia de Cecília Meirelles*. São Paulo, Edusp, 2008. Pg. 195. SILVA, Roberta Donega. A construção do feminino no poema "Lamento da noiva do soldado" de Cecília Meirelles. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10* (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. Disponível em http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386696228_ARQUIVO_RobertaDonegaSilva.pdf

13 Seria pertinente a pesquisa nos livros de Visitas do Cemitério de Pistoia entre 1945 e 1960. Como organização militar extinta, a documentação gerada pelo Cemitério está guardada no Arquivo do Exército, mesmo local onde foram pesquisados os relatórios do pelotão de sepultamento. Entretanto, desde 2009, solicito a inclusão deste acervo no projeto de higienização dos documentos do arquivo e infelizmente até a redação deste trabalho esta documentação não foi disponibilizada aos pesquisadores.

14 Livro de Visitas do Monumento Votivo Militar Brasileiro em Pistoia, 21/11/2003, s/p.

15 Livro de Visitas do Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia, 29/09/2006;

16 Livro de Visitas ao Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia, 06/10/2006.

17 Livro de visitas do Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia, 10/11/2003, s/p, caixa alta do autor.

18 Livro de visitas do Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia, 26/04/2004.

19 Livro de visitas do Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia, 16/04/2006.

20 Livro de visitas do Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia, 07/05/2007.

21 Livro de visitas do Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia, 24/12/2007.

22 Livro de visitas do Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia, 06/04/2009.

23 Livro de visitas do Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia, 12/07/2008.

24 Livro de visitas do Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia, 11/07/2009.

25 HARTOG, François. Entrevista *Revista História e Historiografia*, Ouro Preto, número 10, dezembro 2012, p367.

26 Em todo o mundo percebe-se a tendência de ex-combatentes e suas famílias em visitar

e prestar homenagem em cemitérios militares. Na página da American Battle Monuments Commission todos os dias fotos comprovam essa prática. Essa atitude reforça os significados desses lugares de memória. No caso brasileiro também é possível encontrar diversos militares e/ou parentes de militares assinando o livro de visitas do Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia.

27 Livro de visitas do Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia, 16/11/2003.

28 Livro de visitas do Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia, 16/11/2003.

29 Livro de Visitas do Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia, 4/10/2004.

30 Livro de Visitas do Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia, 1/02/2005.

31 Livro de visitas do Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia, 19/03/2008.

32 Livro de visitas do Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia, 24/04/2008.

33 Livro de visitas do Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia, 17/08/2008.

34 Livro de visitas do Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia, 01/10/2008.

35 ABREU, Marcelo Santos de. Os Mártires da causa Paulista. A criação do culto aos mortos da Revolução Constitucionalista de 1932. *Revista Patrimônio e Memória*, v.7, n.1, p. 193-211, jun. 2011.

36 Livro de visitas do Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia, 21/05/2005.

37 Livro de Visitas do Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia, 31/03/2004, s/p.

38 Livro de Visitas do Monumento Votivo Militar Brasileiro de Pistoia, 04/10/2004.

39 Livro de Visitas do Monumento Votivo Militar de Pistoia, 16/10/2004.

40 Livro de Visitas do Monumento Votivo Militar de Pistoia, 16/01/2008.

41 CREVELD, Martin Van, *The culture of War*. New York: Ballantines Books, 2008, pp.244-245

42 KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.134-146, 1992.

Artigo recebido em fevereiro de 2016. Aceito em maio de 2016.